

PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E A INTERVENÇÃO FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS/AS ALUNOS/AS DE SÉRIES INICIAIS: EXPERIÊNCIAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MORRO DA FUMAÇA/SC

INSTITUTIONAL PSYCHOPEDAGOGY AND INTERVENTION ON LEARNING PROBLEMS OF STUDENTS FROM FIRST GRADES: EXPERIENCES OF A PUBLIC SCHOOL IN MORRO DA FUMAÇA-SC

Sarina Vitorassi Nandi¹
Gislene Camargo²

RESUMO: O presente estudo aborda a questão da Psicopedagogia voltada para a instituição escolar. Procurou-se investigar o papel do/a psicopedagogo/a em uma instituição pública de ensino com o objetivo de compreender a sua atuação dentro do contexto escolar em relação aos fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam a aprendizagem em uma instituição escolar. Para realizar este estudo foi feita uma pesquisa de campo fundamentada em estudos bibliográficos, tendo como principais autores: Barbosa (2001); Bossa (2000); Escott (2004); Escott e Argenti (2001); Fernández (1991) e Wolffenbuttel (2005). A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola da rede pública municipal de Morro da Fumaça – SC e utilizou como metodologia uma entrevista direcionada a cinco professoras e uma psicopedagoga sobre o assunto em questão. Os resultados obtidos permitiram identificar as principais dificuldades existentes dentro das escolas, os fatores que contribuem para o aumento dessas dificuldades, bem como a opinião das entrevistadas em relação ao profissional psicopedagogo/a institucional.

PALAVRAS CHAVE: Psicopedagogia. Instituição Escolar. Dificuldade de Aprendizagem.

ABSTRACT: The present study addresses the issue of Psychopedagogy focused on the school institution. We sought to investigate the role of the psychopedagogist in a public educational institution in order to understand their performance within the school context in relation to the factors that favor, intervene or impair learning in a school institution. In order to carry out this study, a field research was carried out based on bibliographic studies, having

¹Graduada em Pedagogia na Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC – sarina_nandi@hotmail.com

² Mestre em Educação. Coordenadora do Curso de Pedagogia da UNESC. Coordenadora do Pibid Subprojeto Educação Infantil, Alfabetização e Letramento. Líder do Grupo de Pesquisa Políticas, Saberes e Práticas de Formação de Professores. – gislene@unesc.net

as main authors: Barbosa (2001); Bossa (2000); Escott (2004); Escott and Argenti (2001); Fernández (1991) and Wolffenbuttel (2005). The field research was developed at a school in the municipal public network of Morro da Fumaça - SC and used as a methodology an interview directed to five teachers and a psychopedagogue on the subject in question. The results obtained allowed to identify the main difficulties within the schools, the factors that contribute to the increase of these difficulties, as well as the opinion of the interviewees in relation to the professional psycho pedagogical / institutional.

KEYWORDS: Educational Psychology. School Institution. Difficulty of Learning.

1 INTRODUÇÃO

O tema “Psicopedagogia Institucional e a intervenção frente às dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as de séries iniciais: experiências de uma escola municipal de Morro da Fumaça/SC” surgiu a partir de discussões geradas durante algumas aulas no Curso de Pedagogia, principalmente na disciplina de Fundamentos Psicopedagógicos do Ensino.

As discussões sobre o tema instigaram a curiosidade de pesquisar sobre o assunto também durante os estágios obrigatórios realizados durante o curso, uma vez que era necessário, nessas ocasiões, realizar as observações e, em seguida, atuar junto aos alunos observados. Deste modo, os estágios foram fundamentais para suscitar reflexões sobre a importância de lidar com as dificuldades de aprendizagem no contexto educativo.

Partindo dessa constatação, surgiram os seguintes questionamentos: O que há por trás dos problemas de aprendizagem enfrentados pelos/as alunos/as? É possível que o/a professor/a consiga resolver sozinho/a os problemas de aprendizagem dos/as alunos/as com os quais trabalha cotidianamente? Qual o papel do/a psicopedagogo/a diante desta problemática? E quando deve ser solicitada essa ajuda?

Refletindo sobre esses questionamentos, foram elaboradas as questões norteadoras que auxiliaram a elaboração desse projeto. São elas: Qual o papel do/a psicopedagogo/a dentro da instituição escolar? Como ocorre a intervenção do/a psicopedagogo/a? Como ocorre o processo de acompanhamento do/a psicopedagogo/a? Quais fatores estão contribuindo para o aumento significativo dos/as alunos/as com dificuldades de aprendizagem?

O trabalho como auxiliar de ensino em uma escola municipal de Morro da Fumaça/SC permitiu-me perceber que era esse o tema que queria pesquisar, pois em

conversas com professoras da escola em estudo constatei que o número de alunos/as com dificuldade de aprendizagem está aumentando cada vez mais. Deste modo, esta pesquisa tem como fundamento a busca por entender a razão do número de alunos/as com dificuldades de aprendizagem estar aumentando, além de investigar o que está contribuindo para que isso aconteça e o que deve ser feito para tentar solucionar essas dificuldades.

Com base no exposto, buscou-se nesta pesquisa compreender o papel do/a psicopedagogo/a e a importância da sua intervenção frente às dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as de séries iniciais de uma escola municipal de Morro da Fumaça/SC. O tema segue na linha de pesquisa Teoria e Prática Pedagógica no eixo temático sobre o Processo de Ensino e Aprendizagem. A presente pesquisa contou com entrevistas junto aos (as) professores/as e a psicopedagoga que atua na instituição, juntamente com o auxílio de aportes bibliográficos sobre o assunto.

O referencial teórico foi dividido em três títulos, sendo eles: Psicopedagogia: breve histórico do seu surgimento até os dias atuais; Dificuldades de aprendizagem na escola e Psicopedagogia Institucional: o papel do psicopedagogo escolar e a sua intervenção no processo de ensino aprendizagem. Sendo que no primeiro título, foram divididos em mais dois subtítulos: Psicopedagogia: um olhar diferenciado em relação as dificuldades de aprendizagem e Psicopedagogia Clínica X Psicopedagogia Institucional.

2 PSICOPEDAGOGIA: BREVE HISTÓRICO DO SEU SURGIMENTO ATÉ OS DIAS ATUAIS

O índice de fracasso escolar no ensino regular ganhou destaque devido ao aumento significativo de evasão registrado nas últimas décadas. O aumento desses índices levou os profissionais da educação a lançar um novo olhar sobre os problemas que vinham gerando um número elevado de casos referentes ao fracasso escolar.

Entretanto, Bossa (2000) registra que essa preocupação com as dificuldades de aprendizagem surgiu na Europa, no século XIX, a partir de questionamentos e pesquisas realizadas por filósofos, médicos/as e educadores/as e, com isso, surgiu a Psicopedagogia que começou a expandir-se pelo mundo todo, a ponto de alguns educadores/as, a partir desses

estudos, terem fundado escolas especializadas a fim de propor alternativas de superação desses problemas.

No Brasil, essas dificuldades de aprendizagem passaram a ter maior atenção na década de 70, pois como destacam Escott e Argenti (2001, p. 18) foi nessa época que: “[...] surgiu a teoria de que o fracasso escolar de crianças economicamente desfavorecidas ocorria em decorrência de deficiências de saúde, nutrição e cultura.” Ou seja, para os educadores dessa época, o problema estava na criança e no meio em que vivia, além disso, acreditavam que o fato dessas crianças frequentarem um ambiente pobre de estímulos indicava que não teriam as mesmas capacidades de aprenderem como as crianças das classes mais altas.

Nesse período, essa intervenção acontecia em clínicas especializadas e essas crianças com dificuldades de aprendizagem eram atendidas individualmente. Os anos foram passando e a preocupação com o fracasso escolar foi aumentando cada vez mais, pois os índices apresentavam-se cada vez mais elevados. Então, cresceu o número de pesquisas sobre o assunto, uma vez que os estudiosos do assunto queriam compreender e descobrir quais eram os indícios que contribuíam para que esse número se elevasse tanto.

Segundo Escott e Argenti (2001), somente na década de 1980 que os estudiosos passaram a prestar maior atenção para as condições de ensino nas escolas, ou seja, para os aspectos intra escolares. Portanto, com essa nova visão passou-se a investigar os processos de ensino e aprendizagem adotados pelas escolas, a fim de identificar se tinha relação com o aumento do fracasso escolar. Algumas dessas pesquisas constataram que o aumento do fracasso escolar estava relacionado também com a escola que, em geral, possuía um sistema de ensino mal estruturado.

Ainda segundo as autoras Escott e Argenti (2001), o fracasso escolar passou a ser visto como não dependente em primeiro plano de dificuldades individuais do/a aluno/a, mas como resultado de um sistema de ensino mal estruturado e repleto de falhas na sua prática e que não possibilitava condições adequadas de desenvolvimento e superação de possíveis dificuldades dos/as alunos/as, contribuindo para o aumento do índice de fracasso escolar.

Neste mesmo período surgiu a Associação de Psicopedagogos de São Paulo que, mais tarde, passou-se a chamar Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), responsável

por promover encontros para trocas de ideias e experiências relacionadas as dificuldades de aprendizagem. Segundo Araujo (2014, p.20)

A ABPp começou a organizar encontros de psicopedagogos com dimensões nacionais, a fim de promover trocas de experiências, discussões sobre a identidade profissional, fracasso escolar e melhorias na qualidade de ensino das nossas escolas.

A partir disso, muitas pesquisas foram realizadas para tornar possível uma maior compreensão sobre o assunto, bem como para que fossem elaboradas estratégias para solucionar ou amenizar o problema do fracasso escolar. Trata-se de um período rico em mudanças que culminaram no surgimento da Psicopedagogia Institucional. Na sequência, apresenta-se os aspectos conceituais da Psicopedagogia.

2.1 Psicopedagogia: um olhar diferenciado em relação as dificuldades de aprendizagem

A Psicopedagogia surgiu a partir da preocupação de alguns pesquisadores em relação às dificuldades de aprendizagem no intuito de descobrirem os motivos do fracasso escolar, além de buscarem possíveis soluções para o problema. De forma mais simples, a Psicopedagogia surgiu como uma tentativa de solucionar os problemas do fracasso escolar que estava rondando a sociedade.

Segundo Escott (2004, p. 23) “[...] a Psicopedagogia constitui-se em um campo de conhecimento que se ocupa das questões da aprendizagem e, por conseguinte, da não-aprendizagem”. A autora também expõe que a Psicopedagogia baseia-se em vários campos do conhecimento como a Pedagogia, a Psicologia, a Neurologia, entre outros.

Em consonância com o exposto, constata-se que a Psicopedagogia é uma área interdisciplinar, pois trabalha com diferentes áreas do conhecimento, criando vínculos para juntos acharem soluções para cada problema, ou seja, trata-se de uma ciência que busca nas outras áreas o respaldo necessário para compreender a situação e agir da melhor maneira possível para ajudar a minimizar, superar e prevenir futuros problemas.

“O objeto de estudos da Psicopedagogia é o aprender e o não aprender. Onde existirem situações de aprendizagem, há espaço de reflexão psicopedagógica.”

(WOLFFENBUTTEL, 2005, p. 16). Neste ponto, ao referir-se ao aprender é porque naquele local está acontecendo o ensino e aprendizagem, ou seja, não tem nenhum problema afetando esse processo; e o não-aprender neste caso pode ter alguém que não ensina (pode ser que a metodologia utilizada pelo/a professor/a não esteja adequada ou que não tenha estabelecido vínculos com os/as alunos/as, etc.) ou alguém que não aprende por ter algum problema, seja ele individual, na família ou em relação a metodologia utilizada pelo/a professor/a.

Para Wolffenbuttel (2005), a Psicopedagogia surgiu para oferecer novas possibilidades de reflexão sobre a educação e sobre a aprendizagem de todos os sujeitos do processo, sendo eles ensinantes e aprendentes, ou seja, considera o sujeito integral, observando a singularidade, os aspectos afetivos, sociais e cognitivos de cada indivíduo envolvido no processo de ensino e aprendizagem.

Fernández (1991), por sua vez, destaca que a Psicopedagogia investiga as relações estabelecidas entre ensinante e aprendente, considerando-se que, para que ocorra um ensino e aprendizagem de qualidade é preciso que se estabeleça vínculos entre os agentes do processo, ou seja, é preciso que se estabeleça um vínculo de afetividade onde se autoriza ensinar e aprender, pois o indivíduo só vai aprender a partir da interação com o meio.

O/a psicopedagogo/a pode atuar em duas áreas: Clínica e Institucional. Segundo Araujo (2014, p. 23), “[...] as diferenças que existem sobre a atuação do profissional na Instituição e na Clínica é que na Instituição o psicopedagogo age na prevenção dos problemas relacionados à aprendizagem, e o psicopedagogo clínico age através de diagnóstico.”

Então para compreender mais sobre essas duas grandes áreas, discute-se no próximo subtítulo como que funciona cada área, aprofundando um pouco mais nas suas diferenças e no que elas têm em comum.

2.2 Psicopedagogia Clínica X Psicopedagogia Institucional

Como explicitado anteriormente, a preocupação com a aprendizagem surgiu inicialmente na década de 70 quando especialistas acreditavam que os problemas do fracasso escolar estaria presente na pessoa. Segundo Wolffenbuttel (2005), nesse período surgiu a teoria de que o fracasso escolar dessas crianças se dava em decorrência de deficiências de

saúde, nutrição e cultura. Conseqüentemente, se havia fracasso escolar a culpa era do/a aluno/a que não aprendia, por ter deficiência ou por pertencer a uma classe desfavorecida.

Wolffenbuttel (2005, p. 21) complementa com base no exposto que a Psicopedagogia passou a ter mais espaço e a estudar esses problemas, sendo que nesse período era mais voltada “[...] a uma concepção organicista dos problemas de aprendizagem [...]”. Ou seja, o uso de medicamentos poderia trazer soluções para esses problemas, então o tratamento se dava de modo medicamentoso ou fármaco.

Somente na década de 80, conforme Wolffenbuttel (2005), os estudiosos da área passaram a direcionar um olhar especial em relação as condições de ensino dentro das escolas, principalmente, aos aspectos intra escolares, detectando que algumas dificuldades estavam sendo geradas em função do currículo e das metodologias inadequadas. Desta forma, a responsabilidade do fracasso escolar não era mais só concebida ao aluno/a, mas determinou um olhar diferenciado em relação ao sistema de ensino aprendizagem adotado pela escola e esse olhar passou a conceber também o “problema de ensinagem.” (BOSSA, 2000, p. 49).

Passaram-se os anos e o fracasso escolar teve seus índices aumentados, da mesma forma que as pesquisas nessa área também aumentaram, pois os questionamentos sobre o que poderia estar contribuindo para o aumento gradativo do fracasso escolar foi sendo cada vez mais frequente. Hoje a psicopedagogia é dividida em duas grandes áreas: Psicopedagogia Clínica e Psicopedagogia Institucional e, mesmo tendo as mesmas intenções, as duas possuem diferenças.

Como já exposto a Psicopedagogia Clínica foi a primeira área a surgir no Brasil, uma vez que buscava entender os motivos de tantos/as alunos/as fracassarem no ensino regular. Naquela época era comum o pensamento que o problema estava no/a aluno/a, deste modo, eram realizados atendimentos individuais com essas crianças a fim de suprir essas necessidades. Com o tempo, a Psicopedagogia Clínica sofreu algumas transformações e hoje é vista como uma área que:

[...] ocupa-se da investigação da etiologia da dificuldade de aprendizagem e da compreensão do processamento da aprendizagem, considerando todas as variáveis que intervêm no processo. Envolve o diagnóstico, a intervenção psicopedagógica sob a forma de atendimentos clínicos, contatos sistemáticos com a família e com a escola. O trabalho psicopedagógico clínico se desenvolve em espaço físico adequado para atendimento, com materiais necessários às atividades que serão propostas.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

(ESCOTT; ARGENTI, 2001, p. 32).

Com base no exposto, entende-se que a Psicopedagogia Clínica atende a pessoa com problemas de aprendizagem em uma clínica especializada, na qual o/a psicopedagogo/a realiza atendimento também com a família da pessoa e procura estar sempre em contato com a escola para realizar o diagnóstico e dar início a intervenção.

Quando se iniciam os atendimentos, estes são realizados individualmente. Nesse período o/a psicopedagogo/a utiliza-se de ferramentas que auxiliam a detectar onde está a causa dos problemas de aprendizagem. Sendo assim, o objetivo do/a psicopedagogo/a clínico/a é, segundo Wolffenbuttel (2005), realizar o diagnóstico, identificar quais são as causas desses problemas e qual o significado do não-aprender para a pessoa e para os familiares.

Em seguida, o/a psicopedagogo/a cria estratégias de atuação nas quais busca, juntamente com o indivíduo, achar as causas e as possíveis soluções para o problema, aqui ele/a utiliza-se de vários apoios como: jogos, desenhos, brincadeiras, entre outros. Neste contexto, a Psicopedagogia Clínica tem uma visão curativa (WOLFFENBUTTEL, 2005).

Porém, com o passar do tempo, os estudiosos foram observando que nem sempre esses problemas estavam necessariamente no/a aluno/a, mas poderia estar relacionada a instituição escolar, assim a psicopedagogia passou a ter um olhar diferenciado nas escolas onde a mesma passou a atuar como Psicopedagogia Institucional.

De acordo com Wolffenbuttel (2005), a Psicopedagogia Institucional possui um caráter preventivo, trabalhando com todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem a fim de prevenir os futuros problemas e solucionar os problemas presentes, sendo assim trabalha com pais, professores/as, gestores escolares e outros/as profissionais da escola.

O psicopedagogo institucional é aquele profissional que poderá contribuir para o resgate do prazer de ensinar e aprender nas diferentes instituições onde existam situações de ensino-aprendizagem; centra seu olhar sobre os grupos, realiza um criterioso diagnóstico e promove intervenções a partir das necessidades evidenciadas pelos sujeitos ensinantes e aprendentes. (WOLFFENBUTTEL, 2005, p. 29).

Dessa forma, a/o psicopedagoga/o institucional não trabalha individualmente com o/a aluno/a com problemas de aprendizagem, mas trabalha com todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, ou seja, atua de maneira indireta com o/a aluno/a com Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

dificuldades, realizando um trabalho com a turma toda, sem deixar exposto que isso está sendo feito especialmente para determinada criança.

O profissional também atua com toda a comunidade escolar que faz parte do processo de ensino aprendizagem, através de reuniões, onde discutem o que deve ser melhorado para solucionar os problemas do cotidiano escolar e maneiras de prevenir futuros problemas e não agravar ainda mais os já presentes.

Como exposto, a Psicopedagogia surgiu a partir da preocupação com as dificuldades de aprendizagem. Essas dificuldades influenciavam e ainda influenciam o aumento do índice de fracasso escolar, assim, para compreender o que deve ser feito para solucionar essas dificuldades na escola, faz-se necessário entender um pouco mais sobre o que seriam essas dificuldades de aprendizagem e o que contribui para esse aumento gradativo dos índices de fracasso escolar.

3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA

A sociedade do conhecimento viveu por muitos anos com métodos de ensino tradicionalistas que geravam problemas dentro das instituições, porém, isso não era visto e observado pela comunidade escolar, fazendo com que os problemas de aprendizagem se tornassem de inteira responsabilidade do/a aluno/a, ou seja, o problema estava no indivíduo.

Neste contexto, a educação brasileira passou por várias transformações, até que se pensou em pesquisar e observar como estava sendo o trabalho realizado em sala de aula, já que em determinados casos estava explícito que o indivíduo não possuía nenhum problema, então surgiu a necessidade de analisar o que estava acontecendo dentro da escola. Assim, a Psicopedagogia passou a ter um espaço maior dentro das instituições de ensino, a fim de identificar quais os erros cometidos pela comunidade escolar e também para prevenção de futuros problemas (BOSSA, 2000).

Bossa (2000, p. 31) registra ainda que, “[...] a proposta da Psicopedagogia, numa ação preventiva, é adotar uma postura crítica frente ao fracasso escolar [...], visando propor novas alternativas de ação voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas.”

Para entender melhor o que seriam esses problemas de aprendizagem e o que poderia ser feito na escola para solucioná-los, apresenta-se o conceito de “Dificuldade de Aprendizagem dentro da escola”.

Numa visão psicopedagógica, a aprendizagem só ocorre de maneira significativa quando se estabelece vínculos entre o/a professor/a e os/as alunos/as, ou seja, quando um dá o direito ao outro de aprender e de ensinar e a partir da interação com o meio em que está inserido. Em outras palavras, “[...] não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.” (SANTOS, 2012, p. 30).

Wolffenbuttel (2005) complementa afirmando que a Psicopedagogia defende que para que haja conhecimento, o processo de aprender é construído pelo aprendente em interação social, juntamente com o auxílio de quatro níveis: organismo, corpo, inteligência e desejo.

Ainda seguindo a linha de pensamento Wolffenbuttel (2005), destaca que não se pode falar de aprendizagem sem considerar esses níveis, pois para que ocorra a aprendizagem significativa esses quatro níveis devem estar em plena harmonia, já que um depende do outro.

O organismo para Wolffenbuttel (2005, p. 17) “[...] é programado através de sistemas (nervoso, digestivo, respiratório, etc.) e sua estrutura é base para a aprendizagem”, pois se alguns desses sistemas estiverem com problemas, pode acabar bloqueando e prejudicando a aprendizagem.

O desejo, por sua vez, refere-se ao nível simbólico, ao inconsciente, é o que organiza a vida afetiva e as significações que conduz a subjetivação, é através dele que demonstramos as nossas vontades, desejos, angústias, alegrias, tristeza. Quando esse nível estiver com problemas a aprendizagem fica sem graça, sem significado. (WOLFFENBUTTEL, 2005).

A inteligência para Fernández (1991) é a estrutura lógica (os conhecimentos e as experiências que cada um tem) que se apropria do objeto conhecendo-o, generalizando-o e incluindo-o em uma classificação, podendo assim, fazer a reflexão do conhecimento já adquirido com o novo, formando um novo conhecimento, mas para que isso ocorra é preciso ter o desejo de aprender.

Já o corpo, conforme Escott e Argenti (2001, p. 21) “[...] tem como função coordenar ações que resultam em acumular experiências”, está voltado para a identidade da pessoa. Um exemplo de como o corpo atrapalha a aprendizagem, encontra-se no *bullying*, pois a pessoa pode ser magra, gorda, alta, baixa e todas essas características viram motivo para as chacotas que acabam atrapalhando a aprendizagem dos/as alunos/as, já que os mesmos por se sentirem humilhados/as e envergonhados/as, vão se fechar no seu mundo.

Como já citado anteriormente, o sujeito aprende a partir da interação com o meio em que convive, seja em casa, na escola, na sua vida social, sendo que essa aprendizagem acontece a partir da troca de experiências e conhecimentos dos sujeitos envolvidos naquela determinada situação, “[...] a dificuldade para aprender se caracteriza por ser um impedimento, momentâneo ou persistente, do indivíduo diante de obstáculos que surgem nessa interação”. (BARBOSA, 2001, p. 32).

Barbosa (2001) destaca que as dificuldades podem ser um impedimento naquele determinado momento, por algum motivo simples de fácil resolução ou persistente, sendo que essa dificuldade continua e vai piorando com o passar dos tempos e se não for detectada e solucionada a tempo, pode gerar outros sérios problemas na vida da pessoa.

Essas dificuldades podem ser entendidas dentro da instituição escolar como um sintoma/inibição cognitiva ou como um processo/fator reativo. Deste modo, Fernández (1991, p. 82) ressalta que:

O problema de aprendizagem que constitui um “sintoma” ou uma “inibição” toma forma em um indivíduo, afetando a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente.

O significado do sintoma deve ser analisado dentro da estrutura familiar desse indivíduo aproximando-se da história individual do mesmo. Para tentar solucionar e acabar com esse sintoma, deve-se recorrer a um tratamento psicopedagógico clínico a fim de libertar essa inteligência aprisionada (FERNÁNDEZ, 1991).

Sendo que esse sintoma da dificuldade de aprendizagem pode estar associado como um problema individual do indivíduo (associado a deficiências) ou familiar, no qual

ocorra algum problema que faça com que esse indivíduo se feche para o mundo a sua volta e aprisione sua inteligência.

Outro problema em questão é o fator reativo. Segundo Escott (2004), essas reações acontecem quando a escola desconsidera a aprendizagem como um processo dinâmico, não levando em consideração a relação do indivíduo com o meio em que convive no seu dia a dia. Sendo assim, tudo que estiver relacionado ao processo de ensino aprendizagem se torna algo mecânico e sem significados para esses indivíduos que fazem parte do processo.

Porém, para que a aula seja gratificante e significativa, o/a professor/a quando for introduzir um conteúdo novo, deve sempre iniciar a partir de uma conversação com os/as alunos/as para detectar e aproveitar os conhecimentos prévios que estes possuem e utilizá-los em suas aulas, para realizar a interação com seus alunos, para que os mesmos sintam-se autores e cidadãos de direitos e não somente meros reprodutores e ouvintes passivos. Quando isso não acontece vários problemas aparecem, dentre eles o fracasso escolar.

4 PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL: O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO ESCOLAR E A SUA INTERVENÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A Psicopedagogia Institucional surgiu a partir da preocupação de alguns pesquisadores em relação ao processo de ensino aprendizagem, quando passou-se a entender que os problemas de aprendizagem não eram necessariamente só dos alunos, mas poderiam ocorrer em relação as metodologias, ao sistema de ensino mal estruturado que a instituição escolar adotou. Segundo Escott e Argenti (2001), a Psicopedagogia Institucional volta seu olhar em relação as instituições de ensino aprendizagem, assumindo um caráter preventivo, trabalhando com todos os envolvidos no processo, buscando resgatar o prazer de ensinar e aprender.

A partir do que Escott (2004) expõe, na escola o foco principal da Psicopedagogia é a prevenção de futuros problemas de aprendizagem, construindo uma dinâmica relacional com a instituição, buscando o resgate da identidade daquela determinada instituição. Deste

modo, a partir da interação com todos os envolvidos o psicopedagogo passa a conhecer a realidade e os problemas que estão perturbando aquele local para chegar a um diagnóstico que possa ajudar a solucioná-los.

As autoras Escott e Argenti (2001) colocam que a Psicopedagogia volta seu olhar para a prevenção de futuros problemas e fracassos não somente para o/a aluno/a, mas também se volta aos educadores/as e outros envolvidos no processo, com vistas a ajudá-los a não se sentirem culpados/as pelo surgimento das dificuldades de aprendizagem nos/as alunos/as evitando, assim, o fracasso. “Para tanto, é necessário que a intervenção psicopedagógica invista na melhoria das relações de aprendizagem e na construção da autonomia não só dos alunos, mas, principalmente, dos educadores”. (ESCOTT; ARGENTI, 2001, p. 200).

Ao falar em autonomia, Escott e Argenti (2001) referem-se à necessidade de que o/a professor/a tenha postura crítica em relação a sua prática, refletindo sobre os seus erros e acertos, buscando sempre o melhor para os envolvidos nesse processo, ou seja, a construção da autonomia do/a professor/a deve acontecer a partir da intervenção do/a psicopedagogo/a institucional.

A Psicopedagogia, em sua ação preventiva, pode, portanto, desde os primeiros contatos com o aluno e sua família na escola, colaborar para sua adaptação e prevenção das dificuldades de aprendizagem. É através da elaboração de um diagnóstico cuidadoso, com o levantamento de dados e observações do aluno, bem como da busca de uma fundamentação teórica consistente, que o psicopedagogo institucional poderá instrumentalizar o educador na criação de novos fazeres pedagógicos (WOLFFENBUTTEL, 2005, p. 212).

A partir do exposto, constata-se que quando o/a professor/a reflete sobre seus fazeres pedagógicos, tende a buscar novas possibilidades de ação e passa a utilizá-las em suas aulas como jogos, dramatizações, imitação, desenho, entre outros. Essas formas lúdicas possibilitam o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico do/a aluno/a, oportunizando ao mesmo voz e vez durante o processo de aprender, já que os mesmos trazem consigo seus saberes prévios.

5 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O trabalho de pesquisa em questão tem como objetivo principal discutir e compreender o papel do/a psicopedagogo/a e a importância da sua intervenção frente às Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 1, nº2, julho/dezembro 2017.– Curso de Pedagogia– UNESC

dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as de séries iniciais de uma escola municipal de Morro da Fumaça/SC. Sendo assim, acredita-se que a pesquisa é a melhor ferramenta para ajudar na busca das respostas do problema levantado.

“Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informações suficientes para responderem ao problema.” (GIL, 2007, p. 17).

Em relação a abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, já que os dados foram coletados e analisados profundamente não dando espaço para a quantificação dos mesmos. A pesquisa qualitativa visa compreender os significados e as características situacionais apresentadas pelo/a entrevistado/a. Esta abordagem considera que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, existe um vínculo indissociável que não pode ser transformado em números. Nesta abordagem deve-se considerar importante a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados dos dados coletados (PINHEIRO, 2010).

No que se refere ao o objetivo a pesquisa teve um caráter exploratório, pois a partir da busca, buscou compreender o papel do/a psicopedagogo/a institucional, a importância da intervenção do/a mesmo/a diante das dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as e investigar como ocorre a sua intervenção, a fim de identificar os fatores que estão contribuindo para o aumento significativo das dificuldades de aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Pinheiro (2010, p. 21) expõe que nessa abordagem “o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter resultados que deseja.”

Com relação aos procedimentos técnicos essa pesquisa se deu a partir de uma pesquisa de campo que buscou coletar dados a respeito do tema em questão e que, contribuíram de maneira significativa para a busca das respostas necessárias para a solução do problema, já que a mesma possibilita maior contato do pesquisador com os dados existentes. Gil (2007) destaca que na pesquisa de campo, o pesquisador estuda somente um determinado grupo, realizando a maior parte da pesquisa pessoalmente, uma vez que o pesquisador precisa ter o contato com os fatos para depois analisá-los.

Para a coleta de dados foi utilizado como recurso a entrevista semiaberta. O local de investigação foi uma escola municipal de Morro da Fumaça – SC. E amostra da população foram cinco professoras e uma psicopedagoga foram entrevistadas, sendo que todas assinaram o termo de consentimento, autorizando a utilização dos dados disponibilizados.

As entrevistas foram realizadas na escola em que as professoras e a psicopedagoga atuam. Professoras e psicopedagoga disponibilizaram seus horários que foram previamente agendados. As entrevistas foram gravadas por meio de um dispositivo móvel, posteriormente foram transcritas e analisadas.

A partir dos estudos bibliográficos e das entrevistas, o próximo passo foi analisar os dados coletados, comparando-os com o referencial teórico. A análise foi dividida em dois blocos temáticos: Dificuldades recorrentes na instituição escolar e Psicopedagogia Institucional: Intervenções frente às dificuldades de aprendizagem nas Séries Iniciais.

Durante a análise as professoras serão identificadas por letras: P1, P2, P3, P4, P5, e a psicopedagoga será identificada como PP. Sabendo da importância de se manter a privacidade dos/as entrevistados/as o nome das mesmas e da escola não serão apresentados neste trabalho.

5.1 Dificuldades recorrentes na instituição escolar

Neste bloco temático será abordado a questão das dificuldades de aprendizagem, incluindo as dificuldades mais recorrentes na escola e os fatores que podem contribuir para o seu agravamento. Dessa forma, as professoras foram as primeiras a serem entrevistadas, e quando questionadas sobre o que seria dificuldade de aprendizagem, todas responderam que é quando o/a aluno/a não consegue responder e atingir aos objetivos determinados pelo/a professor/a.

Muitos/as professores/as acreditam que esta dificuldade de aprendizagem é individual, que o problema está no/a aluno/a. Neste contexto, Wolffenbuttel (2005) destaca que em alguns casos a escola vê essas dificuldades como sendo do/a aluno/a, ou seja, esse

problema é visto no nível individual, resultante de sua incapacidade de aprender, deixando de lado a questão de que, muitas vezes, esses objetivos não são alcançados pelo/a aluno/a por causa dos problemas educacionais que podem surgir durante o seu trajeto.

Ainda diante deste questionamento a P2 acrescentou que “a dificuldade de aprendizagem aparece quando o/a aluno/a tendo o mesmo conteúdo que os outros, dá uma freada, ou seja, ele/a não consegue aprender, tanto quanto os outros”. Segundo Bossa (2000) e Wolffenbuttel (2005), todo indivíduo possui uma modalidade de aprendizagem, ou seja, uma maneira pessoal para ter o contato com o conhecimento e constituí-lo em saber. Sendo assim, cada indivíduo tem um jeito de aprender, sendo que alguns aprendem com mais facilidade, enquanto outros levam um pouco mais de tempo. O indivíduo pode, em alguns momentos, resolver as propostas com tranquilidade e, em outros, com mais dificuldade.

Barbosa (2001) complementa dizendo que a aprendizagem não ocorre em linha reta, pois em alguns momentos o/a aluno/a resolverá as situações com mais facilidade enquanto em outros “[...] surge a dificuldade que mobiliza para a solução.” (BARBOSA, 2001, p. 32).

As professoras também foram questionadas sobre as principais dificuldades que aparecem durante o processo de ensino aprendizagem e responderam que as principais dificuldades encontradas na aprendizagem estão na área da leitura, da escrita, e da matemática. A resposta está em consonância com o que expõe Santos (2012), ou seja, que as dificuldades de aprendizagem mais identificadas pelos professores são dificuldade de leitura, de escrita e dificuldades em realizar cálculos.

Deste modo, pode-se dizer que neste contexto estariam incluídos alguns indivíduos com alguma forma de disfunção do sistema nervoso central. Essas crianças podem estar passando por transtornos de aprendizagens, porém não são incapazes de aprender, e não quer dizer que tenham alguma deficiência, mas precisam de uma atenção maior para internalizar o conhecimento (SANTOS, 2012).

A PP também questionada sobre esse assunto relatou que as principais dificuldades são “TDH; discalculia, dislalia e disortografia.” E salientou que quando essas dificuldades são detectadas pelo/a professor/a, o/a mesmo/a deve tentar resolver com a utilização de outras metodologias e caso não consiga resolver deve procurar ajuda de outro

profissional. Recorre-se novamente a Santos (2012) que recomenda a necessidade do/a professor/a ficar atento a essas dificuldades e estar sempre disposto/a a encontrar meios diferentes que possam auxiliar na tentativa de sanar essas dificuldades, caso o problema continuar persistindo, o/a professor/a deve procurar ajuda de outro profissional especializado para o caso. Cabe ressaltar que as dificuldades citadas pela PP, não são facilmente detectadas pelos/as professores/as, o que se percebe são os sintomas, porém o diagnóstico deve ser elaborado por um especialista, que pode ser o/a psicopedagogo/a.

Baseada nos autores e no referencial teórico, pode-se dizer também que essas dificuldades de aprendizagem podem aparecer em forma de sintoma ou processos reativos. Escott e Argenti (2001) entendem que o sintoma da dificuldade de aprendizagem tem relação com o aprisionamento da inteligência do/a aluno/a, ou seja, ele não consegue aprender por algum motivo. De forma mais simples, este sintoma está ligado ao indivíduo ou a sua estrutura familiar. Essa questão se encaixa na fala das professoras quando questionadas sobre os fatores que podem contribuir para o agravamento dessas dificuldades de aprendizagem.

Destaca-se, ainda que persistiu na fala das professoras o fato de que as dificuldades se agravam por causa da família, sendo que a maior reclamação é a desestruturação da mesma. As mesmas afirmaram que a criança passa por vários momentos dentro de casa que abalam o seu psicológico, o seu emocional e também a questão de a família não estar presente durante o processo de ensino aprendizagem do/a aluno/a.

De acordo com Fernández (1991, p. 86), “[...] o sintoma problema de aprendizagem é a inteligência detida, construindo de forma constante seu aprisionamento.” A autora acrescenta que o sintoma pode estar ligado a questão familiar, considerando que a mesma pode contribuir de maneira significativa para o agravamento dessas dificuldades. Nesse sentido, a família pode mesmo ter sua parcela de responsabilidade nas dificuldades de aprendizagem, porém, não é a única responsável.

Essas dificuldades também podem aparecer em forma de problemas de aprendizagem reativo. Escott (2004, p. 66-67) compreende que “[...] a dificuldade de aprendizagem pode corresponder à manifestação do sujeito em oposição a uma prática escolar inadequada.” Sendo assim, esse fator reativo está ligado a questão do choque entre o indivíduo e a instituição escolar e pode surgir a partir de uma prática pedagógica inadequada

adotada pela escola, tornando o ensino mecânico e sem significado para o/a aluno/a.

Desse modo, a P1 enfatizou que a escola pode contribuir para as dificuldades, e durante a sua fala coloca que “[...] são vários os fatores que podem contribuir, desde o não olhar ou um olhar errado do professor, do não trabalhar essa dificuldade, ou até aumentar isso, dependendo da maneira como é conduzido pelo professor, pela escola, no sentido de estar reforçando isso, [...] estar de repente desmotivando o/a aluno/a.”

De acordo com Santos (2012), os/as alunos/as que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, quando são rotulados/as de atrasados/as e incapazes pelos pais, amigos e professores, acabam adquirindo baixa autoestima, tornando assim sua aprendizagem sem significado, além de criar barreiras durante a sua aprendizagem.

Fernández (1991) e Santos (2012) acrescentam que para que aconteça a aprendizagem é necessário alguém que ensine e alguém que aprenda e, para que isso ocorra é necessário que se estabeleça vínculos entre os mesmos. Se esse vínculo não ocorrer, certamente surgirão dificuldades que irão atrapalhar e bloquear a aprendizagem dos sujeitos, ou seja, levanta-se uma barreira entre o/a professor/a e o/a aluno/a.

A PP também contribuiu colocando que “um dos fatores apresentados, é a falta de interesse, criando um clima de insegurança e perda da autoestima, e isso contribui para o agravamento das dificuldades de aprendizagem”. Conforme os estudos e o que foi exposto no referencial teórico, Escott; Argenti (2001) e Fernández (1991) colocam que quando se fala em falta de interesse, pode-se dizer que esse problema pode estar ligado ao desejo, já que o mesmo é responsável por organizar a vida afetiva e, é através do desejo que o indivíduo expressa os seus sonhos, seus erros, falhas, inseguranças.

Quando ocorre a falta de interesse em relação aos estudos e a escola, os conteúdos ficam sem graça, criando uma barreira entre o aprendente e o conhecimento. E isso pode aparecer como uma forma de reação a metodologia utilizada pela escola, como já foi colocado anteriormente (ESCOTT; ARGENTI, 2001). Sendo assim, a escola e o/a professor/a devem ficar atentos, pois as crianças que apresentarem sinais de dificuldades gerais ou específicas de aprendizagem, necessitam de um olhar mais atento e de um trabalho diferenciado e, se for mais grave, de um atendimento auxiliar especializado (SANTOS, 2012).

Enfim, a sociedade sofreu e ainda sofre com as dificuldades de aprendizagem, já

que estas podem causar fraturas no indivíduo que, muitas vezes, tornam-se motivo de chacotas por parte dos/as amigos/as. Porém, atualmente dispõem-se de vários recursos que podem auxiliar no combate e na prevenção dessas dificuldades, sendo uma delas a Psicopedagogia.

5.2 Psicopedagogia Institucional: intervenções frente às dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais

Este bloco temático busca mostrar o que as professoras pensam em relação ao psicopedagogo, destacando o papel deste profissional dentro da instituição escolar, bem como a forma como conduz seu atendimento.

Conforme Santos (2012), a Psicopedagogia surgiu da necessidade de atender as crianças com dificuldades de aprendizagem, sendo que seu papel é estudar tudo que está relacionado ao processo de ensino e aprendizagem, as relações entre professor/a e aluno/a e também a interação do sujeito com a instituição escolar.

Com base no exposto, surgiu a necessidade de questionar as entrevistadas sobre o que seria a Psicopedagogia Institucional. Sobre esta questão todas as professoras entrevistadas destacaram que a/o psicopedagoga/o institucional tem o dever de auxiliar e dar um norte para os/as professores/as em relação a forma como devem trabalhar essas dificuldades em sala de aula a fim de saná-las. Nesse ponto, Escott (2004, p. 41) contribui ao registrar que o psicopedagogo é “[...] um mediador das relações de aprendizagem”, uma vez que o mesmo possibilita espaços de reflexão e troca de ideias, contribuindo para uma melhor compreensão por parte dos educadores em relação a aprendizagem e a não aprendizagem.

Aproveitando a oportunidade, questionou-se a PP sobre essa questão e ela complementou a fala das professoras e do autor citado acima dizendo que:

O/a psicopedagogo/a atua de uma maneira geral nas escolas. Faz uma assessoria esclarecedora a respeito de diversos aspectos no processo de ensino aprendizagem, analisando e assinalando os fatores que favorecem ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição. Auxilia no desenvolvimento de projetos favoráveis as mudanças educacionais, com o fim de evitar processos que conduzam as dificuldades da construção do conhecimento do/a aluno/a.

Barbosa (2001) expõe que, ao voltar esse olhar para a prevenção, a psicopedagoga tem o dever de transformar a atenção individual em grupal, ou seja, tem o papel de contribuir para que aquele ambiente trabalhe em equipe, visando a melhoria e o sucesso dos processos de aprendizagem. Também deve propor projetos de ação que possibilitem novos caminhos a serem percorridos, para que torne-se possível sanar os problemas já existentes, bem como prevenir os futuros, uma vez que essas dificuldades necessitam de um olhar diferenciado.

Durante a conversa, a PP acrescentou que, o/a psicopedagogo/a tem como meta analisar os fatos e criar novos meios de aprendizagem, dando a oportunidade ao educando de construir seu conhecimento, melhorando a autoestima e o gosto para aprender. Seguindo essa linha, Barbosa (2001) coloca que essa área contribui muito com a instituição escolar, principalmente, quando a mesma abre caminhos para que aconteça o resgate do prazer em aprender, ou seja, quando são pensadas estratégias diferentes a serem trabalhadas em sala de aula a fim de instigar a curiosidade do educando, proporcionando situações que façam com que a aprendizagem se torne prazerosa. Entretanto, é fundamental lembrar que esse trabalho sempre deve ocorrer em equipe, com todos os envolvidos no processo.

Então, durante a conversa com as professoras, as mesmas colocaram que buscam apoio desse profissional quando percebem que o/a aluno/a apresenta dificuldades para aprender, mesmo o professor utilizando outros meios, isso se comprova com a fala da P2, quando ela expõe que “o/a psicopedagogo/a é solicitado/a quando o/a professor/a percebe que só os meios que ele/a está promovendo não são suficientes para que a criança aprenda, então a gente pede ajuda e pede que ela/e nos dê um suporte.” Barbosa (2001) contribui dizendo que o/a psicopedagogo/a pode colaborar de várias formas dentro da instituição escolar, sendo que contribui para a prevenção das dificuldades, a melhoria da qualidade de ensino, como também pode ajudar a minimizar ou superar os problemas existentes naquele local.

As professoras ainda acrescentaram que esses/as alunos/as são encaminhados/as para que sejam atendidos pela psicopedagoga a partir de um parecer descritivo, feito pelo/a professor/a. Em seguida, esse/a aluno/a é retirado por alguns momentos da sala de aula para ser atendido individualmente pelo/a psicopedagogo/a. Santos (2012) traz algumas contribuições sobre esse assunto, colocando que a intervenção do/a psicopedagogo/a institucional está associada também a ações de apoio oferecidos aos alunos/as

individualmente ou em grupo, visando os aspectos cognitivos, motores, emocionais, entre outros.

Porém, esse trabalho não pode ser confundido, segundo Santos (2012, p. 128), com uma “Pedagogia terapêutica”. Esta é para auxiliar a eliminar os problemas já existentes, mas não significa que todos devem ser atendidos dessa forma, pois cada caso é diferente do outro.

Bossa (2000, p. 68) complementa dizendo que

Na escola, o psicopedagogo também utiliza instrumental especializado, sistema específico de avaliação e estratégias capazes de atender aos alunos em sua individualidade e de auxiliá-los em sua produção escolar e para além dela, colocando-os em contato com suas reações diante da tarefa e dos vínculos com o objeto do conhecimento. Dessa forma, resgata, positivamente, o ato de aprender.

Bossa (2000) adverte que a Psicopedagogia Institucional também possui um caráter clínico, pois para se ter um adequado conhecimento sobre os problemas, sobre a realidade daquele local e chegar a um diagnóstico, o/a psicopedagogo/a terá que realizar observações e analisar os dados coletados, sendo assim, em alguns momentos a psicopedagogia institucional assume um caráter clínico. Porém, apesar de ter caráter clínico, o/a aluno/a, não deve ser atendido individualmente durante as aulas, o trabalho precisa ser desenvolvido com a turma toda, ou em horário inverso, caso seja individual.

A partir disso, as professoras foram questionadas sobre essas intervenções e sobre como viam progresso nos/as alunos/as depois das intervenções da PP. Todas colocaram que são bem poucos os progressos apresentados após essas intervenções, pelo fato de a psicopedagoga estar somente uma vez por semana, o que acaba fazendo com que essas intervenções fiquem fragmentadas, pois a mesma também não consegue fazer o acompanhamento semanalmente.

Como se sabe, essas dificuldades de aprendizagem, na maioria das vezes, são detectadas pelo/a professor/a, e este/a após várias observações, pede ajuda ao psicopedagogo/a. Então, a partir desse pensamento, surgiu a necessidade de questionar as professoras para entender melhor como acontece o diálogo entre professor/a e psicopedagogo/a. Todas responderam que esse diálogo ocorre somente quando é solicitado

ajuda da mesma e, algumas vezes, durante as intervenções.

Barbosa (2001, p. 102) relata que a Psicopedagogia Institucional pode e deve contribuir “[...] promovendo espaços de reflexão e de operatividade para a revisita do aprender de quem ensina, para a compreensão de como este aprender acontece no outro e para a busca de um ensinar que seja efetivo e afetivo.”

Para finalizar, algumas professoras ainda complementaram as suas falas, afirmando que esse profissional deve ficar mais vezes na escola, para se ter um bom rendimento no trabalho em equipe, ou seja, apenas uma vez por semana não está ajudando quase nada, pois para elas esse trabalho fica fragmentado.

Foi possível constatar, que a Psicopedagogia é muito importante dentro das instituições escolares. E durante a entrevista, as professoras e a PP afirmaram em suas respostas que o trabalho deve ser coletivo, porém todas ainda falam em atendimento individual. Também percebeu-se durante as entrevistas, que as professoras buscam entender os problemas, mas pedem ajuda da PP para os casos individuais.

7 CONCLUSÃO

A partir dos estudos feitos para elaboração do referencial e da análise dos dados coletados na pesquisa, foi possível constatar que a Psicopedagogia é uma área necessária, pois a mesma volta o seu olhar em relação ao resgate do aprender e a compreensão do não aprender, buscando trabalhar com todos os envolvidos no processo, a fim de criar mecanismos que auxiliem na prevenção de futuros problemas e na “cura” das dificuldades já existentes.

A pesquisa e o aprofundamento nos estudos do tema permitiram alcançar o objetivo geral dessa pesquisa e também responder as questões norteadoras propostas na introdução deste estudo. A análise das entrevistas permitiu perceber o compromisso e o envolvimento de todos/as na busca da solução adequada para as dificuldades de aprendizagem. Porém, ainda é possível perceber que na instituição pesquisada o trabalho é individual e não coletivo, como os referenciais teóricos sugerem. E o conhecimento a respeito das dificuldades ainda são rasos, necessitam de mais estudos e reflexões.

As professoras apontam a necessidade de um/uma psicopedagogo/a na instituição

em períodos maiores e, conferem-lhe importância, além de citar que a área psicopedagógica representa uma possibilidade de mudança nas possíveis soluções para as dificuldades de aprendizagem. Entretanto, não compreendem o papel da PP na instituição, uma vez que denotam em suas falas que falta diálogo e parceria entre professoras e PP, além de deixar transparecer a falta de entrosamento das duas áreas de conhecimento.

De acordo com o referencial teórico, o principal objetivo do/a psicopedagogo/a institucional é propor reflexões com a comunidade escolar sobre os processos de ensino e aprendizagem e orientar os professores a fim de prevenir as dificuldades, e as que já estão instaladas, resolver na coletividade. Porém, constatou-se que na instituição pesquisada o PP atende as crianças individualmente e as professoras não percebem progressos nas intervenções.

Enfim, os dados analisados sugerem que o psicopedagogo retome seu papel institucional e que proponha espaços de reflexão e estudo junto à comunidade escolar. Sabe-se que o fator tempo foi citado, que a presença do PP uma vez na semana não é suficiente, portanto, a partir desse indicador, o PP poderia montar um plano de intervenção em conjunto com os professores e buscar soluções “com” a equipe e não “na” equipe.

As intervenções na instituição pressupõem trabalho coletivo, e nesse sentido sugere-se, ao concluir esse artigo, que uma nova problemática seja investigada “De que maneira as intervenções coletivas do/a Psicopedagogo/a Institucional contribuem para a prevenção e tratamento das dificuldades de aprendizagem?”.

Conclui-se, portanto, que o tema não se esgota nesta pesquisa, mas abre um leque de possibilidades para que outros pesquisadores contribuam para ampliar os estudos sobre a importância do profissional psicopedagogo/a no atendimento aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

8 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paula Fernandes Corrêa de. A psicopedagogia seria uma possibilidade para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem? **Dissertação**. 2014. 70 f. Universidade de São Paulo. Disponível em: < <http://goo.gl/frwvKh> >: Acesso em: 22 abr. 2016.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar.** Curitiba: Expoente, 2001. 384p.

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 131p.

ESCOTT, Clarice Monteiro. **Interfaces entre psicopedagogia clínica e institucional:** um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem. Novo Hamburgo: Feevale, 2004. 136 p.

_____; ARGENTI, Patrícia Wolffenbüttel. Apresentação. In: _____. **A formação em psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional:** uma construção teórico-prática. Novo Hamburgo: Feevale, 2001. 272 p.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada:** abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 261p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007. 175p.

PINHEIRO, José Maurício dos Santos. **Da iniciação científica ao TCC:** Uma abordagem para os cursos de Tecnologia. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010. 161p.

SANTOS, Marcos Pereira dos. **Dificuldades de aprendizagem na escola:** um tratamento psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. 196p.

WOLFFENBUTTEL, Patrícia. Psicopedagogia: reflexões sobre história, teoria e prática. In: _____. (Org.). **Psicopedagogia:** teoria e prática em discussão. Novo Hamburgo: Feevale, 2005. 236 p.